

## RESENHAS

### Micro-história: reconstruindo o campo de possibilidades

*Manoel Luiz Salgado Guimarães*

Jacques Revel (org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, 262 páginas.

A produção historiográfica francesa é particularmente rica de balanços e avaliações sobre a produção em nossa disciplina como parte de um esforço sistemático para rever e discutir os parâmetros da pesquisa histórica. Basta que nos lembremos da coletânea “Faire l’Histoire” da década de 70 e da obra “Passés Recomposés” duas décadas mais tarde, para termos dois significativos exemplos deste esforço de reflexão a respeito do próprio campo de trabalho do historiador. Pensar sua própria história pode assim significar um exercício de legitimação para uma comunidade de profissionais, cuja identidade encontra-se fortemente assentada e construída a partir de lugares socialmente definidos de produção

desse conhecimento, com suas regras próprias de consagração. Pode também responder às exigências contínuas de uma reflexão sistemática sobre os métodos e o lugar da teoria na produção do conhecimento histórico como forma de responder satisfatoriamente aos desafios, tanto da pesquisa histórica em sentido restrito, quanto das demandas sociais postas pela contemporaneidade das sociedades altamente industrializadas. O trabalho organizado por Jacques Revel “*Jogos de Escala*” parece compartilhar desta tradição, assim como contribui para legitimar um viés da pesquisa histórica, hoje com largos espaços de reconhecimento nos seminários da École des Hautes Études en Sciences Sociales, onde alguns dos participantes da obra coletiva dirigem seminários de pesquisa, ainda que seus começos estejam associados à historiografia italiana e a nomes como o do historiador Carlo Guinzburg e Giovanni Levi.

Resultado das discussões levadas a cabo na própria École como resposta a uma demanda ministerial propondo uma reflexão em torno da relação Antropologia e História, o livro traça um rico painel dos problemas envolvendo a micro-história, permitindo ao seu leitor um primeiro contato com o universo de questões subjacentes a esta modalidade da pesquisa histórica, situando seu desenvolvimento num quadro historiográfico propriamente dito, assim como sublinhando tradições filosóficas a que este tipo de procedimento, implícito na micro-história, se reporta. Na verdade, assistimos à reedição de um velho debate entre a Antropologia e a História, inaugurado de forma exemplar com Lévi-Strauss e Braudel ainda nos finais dos anos 50, mas que evidentemente se reveste agora de características totalmente diversas, consagrando definitivamente a vitória de um certo olhar antropológico na pesquisa histórica. Nas palavras de Edoardo Grendi, em seu artigo para o livro, a abordagem micro-histórica estaria indelevelmente marcada pelo signo da antropologia na medida em que educou seu olhar para ver o passado a partir de uma perspectiva de estranhamento, vendo-o como efetiva-

mente uma terra estrangeira, numa formulação que sugere o título da obra de David Lowenthal, “*The Past is a foreign country*”.

A coletânea de dez artigos é encabeçada pelo trabalho de Jacques Revel intitulado “*Microanálise e construção do social*”, que realiza igualmente a apresentação da obra coletiva. Seu texto procura mapear a recepção da micro-história pela historiografia francesa a partir da tradução em 1989 do livro de Giovanni Levi, “*Le pouvoir au village*”, cujo prefácio ficara a cargo do próprio Revel. Curiosamente, um ano simbolicamente marcado por eventos de profundas significações para a pesquisa histórica, quando a tradição hegemônica herdada da Escola dos Annales, a história social, sofre profundas críticas por parte mesmo daqueles que se colocavam como seus herdeiros. É neste quadro de crítica da tradição herdada que a micro-história emerge, apontando novas possibilidades para o trabalho do historiador, que ainda reafirmando a história como social, procura sofisticar e redimensionar a pesquisa a partir de procedimentos que questionam as antigas concepções da história social. Acossada pelo “linguistic turn”, a historiografia francesa responde

com o “*tournant critique*” e o reconhecimento e legitimação proporcionados à micro-história integram este movimento mais amplo de repensar os caminhos da pesquisa histórica. Nas palavras de Jacques Revel, a micro-história pode então ter o valor de “sintoma historiográfico”.

Com preocupação semelhante, ou seja, a de compreender a emergência da micro-história a partir de um recorte que poderíamos definir como historiográfico, o último texto da coletânea, de autoria de Edoardo Grendi, avança uma sugestão interessante no sentido de compreender a prática da micro-história como particular ao quadro intelectual da historiografia italiana, representando, segundo ele, uma via italiana de uma história social mais elaborada e que procurava fugir aos aprisionamentos definidos pela tradição italiana de escrita da história, pautada por definições rígidas dos objetos a serem considerados pela análise do historiador. Como parte de um alargamento de horizontes para o trabalho do historiador, a micro-história italiana estaria também preocupada com uma narrativa visando um público mais alargado, combinando assim novas demandas externas ao campo a exigên-

cias de refinamento teórico. Mas onde teriam os historiadores italianos buscado suas sugestões para o projeto de uma reescritura da história liberta das hierarquias e definições de uma história feita à maneira tradicional? A resposta pode ser encontrada no artigo de Paul-André Rosental, “*Construir o macro pelo micro: Frederik Barth e a microstoria*”, onde o autor sublinha as possíveis sugestões contidas no trabalho do antropólogo norueguês e que estimularam as reflexões dos historiadores italianos. A partir da pesquisa antropológica de Barth, preocupada em considerar especialmente as variantes comportamentais dos atores envolvidos em determinados processos sociais, o pressuposto funcionalista de um mundo social perfeitamente integrado por suas partes é seriamente abalado. Ao valorizar o conjunto de variantes comportamentais, Barth aponta para a importância dos contextos decisórios que põem em relação atores sociais num jogo relacional complexo, definindo configurações múltiplas e variáveis segundo o caráter das decisões a serem tomadas por atores históricos reais, agindo no mundo social. Esta sensibilidade parece marcar profundamente os micro-historiadores,

preocupados em captar estes atores históricos agindo como sujeitos a partir da leitura que empreenderão de suas fontes. Ainda a partir das sugestões do antropólogo norueguês, segundo o artigo de Rosental, os historiadores italianos da micro-história incorporaram uma certa dimensão de incerteza e imprevisibilidade presentes nas ações humanas e necessariamente consideradas como parte da análise histórica.

Um dos pontos centrais que atravessa o conjunto dos textos reunidos no livro em questão é a afirmação de que a micro-história se coloca em frontal oposição à perspectiva das análises macro-históricas, que situavam a possibilidade de explicação dos fenômenos históricos a partir da localização de causas situadas num plano macro-estrutural, responsável pela modulação dos fenômenos em escala micro. Trata-se de fato de um ataque frontal a um dos pressupostos mais caros da história social francesa à maneira dos *Annales*: a preeminência da dimensão macro-estrutural para a explicação dos fenômenos históricos. Na verdade, o que está em jogo pelo par de oposições macro e micro, segundo as perspectivas esposadas pelos autores do livro, não é apenas uma

mera diferença de escala tomada para a análise dos fenômenos históricos, mas um redimensionamento de objetos e questões que põem em dúvida as certezas estabelecidas pela história social de corte marcadamente macro-estrutural. Como afirma Giovanni Levi em seu artigo para o livro, intitulado “*Comportamentos, recursos, processos: antes da revolução do consumo*”, a escala resulta de uma escolha e como tal marcará profundamente a pesquisa, uma vez que condicionará aquilo que será visto pelo historiador. Seu interlocutor no artigo é um dos monstros sagrados da história social francesa concebida a partir de uma perspectiva macro-estrutural: Fernand Braudel. O que está em jogo: a capacidade do historiador trabalhar com categorias altamente generalizantes extraindo delas conhecimento. Ainda com relação ao conceito de escala, fulcral para o trabalho da micro-história, Bernard Lepetit em seu texto “*Sobre a escala na história*”, no livro organizado por Revel, afirma a necessidade imperiosa da escolha da escala como condição mesma para o conhecimento que se pretende, constituindo-se portanto “num ponto de vista de conhecimento.” Da mesma forma que

através do seu trabalho o historiador formula problemas ao passado a partir de questões de seu presente — a velha lição aprendida com os pais fundadores dos *Annales* —, a escolha de uma escala engendra objetos que não existem como entes substantivados no mundo. Desta maneira, Lepetit formula uma das críticas mais contundentes a um realismo simplista do trabalho do historiador, assegurado pelo registro deste real em fontes consultáveis.

E aí delineiam-se com clareza as heranças filosóficas acionadas pelos defensores da micro-história e que significarão uma crítica radical a um positivismo subjacente na tradição da história social francesa e detectado por estes historiadores. Neste sentido, e sublinhando sobretudo os aspectos filosóficos do debate em torno da micro-história, o texto de Marc Abélès, “*O racionalismo posto à prova da análise*”, é particularmente interessante e estimulante. Partindo de rápidas considerações a respeito do lugar das análises microscópicas entre os antropólogos, que por vezes chegam mesmo a feticizar o micro como sendo o lugar do desvendamento pleno dos fenômenos sociais, o autor nos chama atenção para o fato de que o

debate em torno da micro-história obriga-nos a repensar os rígidos cânones de uma interpretação cartesiana da racionalidade e dos procedimentos decorrentes desta forma particular de racionalidade. A simplificação do debate em torno de posturas ditas “racionalistas” contra aquelas tidas como “relativistas” não podem mais satisfazer a complexificação exigida para as análises dos fenômenos sociais. Desta forma, as análises propostas pelos micro-historiadores tenderiam a desnaturalizar os objetos, o que para o caso da pesquisa histórica implica necessariamente numa revisão do papel das fontes.

Neste aspecto, o texto de Maurizio Gribaudi, “*Escala, pertinência, configuração*”, que se constrói a partir de uma crítica à perspectiva de história social segundo os contornos presentes no clássico trabalho de Adeline Daumard, aponta para os riscos de se tomar os documentos com o sentido de uma evidência imediata, vendo neles a inscrição de um real dado à observação e análise dos historiadores. Desta forma, e sem perceber, o historiador acabaria por ficar prisioneiro das formas passadas de inscrição dos fenômenos que estuda. E como tal,

não seria capaz de repensar estas inscrições historicamente a partir de uma multiplicidade e da não linearidade dos fenômenos que estuda. Eis aqui outro dos elementos centrais sublinhados como uma das marcas da micro-história praticada pelos autores do livro: a impossibilidade da formulação de leis gerais para o desenvolvimento histórico a partir da observação de um fenômeno através da História. O exemplo retomado por Gribaudi, a partir das sugestões de Giovanni Levi, procura mostrar como o advento do Estado Moderno, quando tratado a partir de uma perspectiva micro, mostra uma pluralidade de possibilidades e realizações históricas, diversas entre si, cuja explicação demanda uma análise refinada e minuciosa dos contextos de emergência destes Estados em diferentes situações e lugares. Por este procedimento, uma revisão de certas afirmações e generalizações acerca do Estado Moderno tornaram-se possíveis e necessárias. O conceito de contexto adquire então uma centralidade importante, ainda que evidentemente não seja percebido da mesma forma que a história social de recorte macro o trata. Para esta, no contexto localiza-se a rede de causas ex-

plicativas para os fenômenos sociais capaz de unificar a diversidade das experiências históricas, enquanto para a pesquisa micro-histórica o contexto é sempre e necessariamente diverso e o lugar de um jogo relacional onde a ação dos sujeitos históricos efetivos, agindo, é capaz de definir soluções e propor encaminhamentos que *a priori* não estariam dados. Neste sentido a narrativa histórica não é apenas o relato do efetivamente acontecido porque necessário à razão histórica, mas também o relato das alternativas possíveis postas num jogo a ser decidido pelos atores históricos em questão. Como não deixar de sentir aqui as marcas do clássico trabalho e *démarche* E.P.Thompson sugeridos em seu livro de 1963 e que Simona Cerutti em seu texto “*Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII*” faz questão de marcar? À maneira sugerida por Thompson, a análise do historiador deveria cruzar elementos processuais de análise com trajetórias individuais, o que a autora procurou empreender em sua análise dos grupos profissionais na cidade de Turim. Segundo o caminho escolhido, Cerutti descolou a análise social de uma homologia entre as esferas técnicas

e produtivas e os comportamentos e relações sociais. Partindo das sugestões do historiador social inglês, que sublinhavam especificamente o papel processual na construção dos objetos que serão interrogados pelos historiadores, a autora radicaliza sua análise no sentido de perceber, através do estudo das trajetórias individuais, as respostas históricas formuladas pelos protagonistas em ação, procedimento este que, segundo a autora, implicou numa reinterpretação do próprio processo geral.

Esta parece ser também a perspectiva adotada por Sabina Loriga no artigo intitulado “*A biografia como problema*”, onde a aposta biográfica pode se constituir em importante viés para a interpretação dos fenômenos macro, a partir de uma perspectiva que obriga a uma reinterpretação das tradições herdadas de análise. Para o caso das biografias, durante longo tempo expulsas do campo da pesquisa histórica, torna-se imprescindível ainda legitimá-

las frente à comunidade de profissionais como um problema para a prática de pesquisa. Com o deslocamento do foco de análise das estruturas macro-sociais para as experiências vividas pelos atores históricos, a trajetória biográfica pode assim encontrar um lugar legítimo na reflexão dos historiadores e o olhar de Sabina Loriga busca recuperar na pesquisa biográfica sua dimensão heurística para o conhecimento da história.

“*Jogos de escalas. A experiência da microanálise*” é leitura importante para compreendermos os caminhos da produção em nosso campo de conhecimento e, combinando uma reflexão teórica sofisticada à pesquisa documental, sublinha a importância desta dupla dimensão do trabalho do historiador, podendo também contribuir para uma crítica contundente dos diferentes matizes positivistas a que nossa disciplina esteve sujeita.